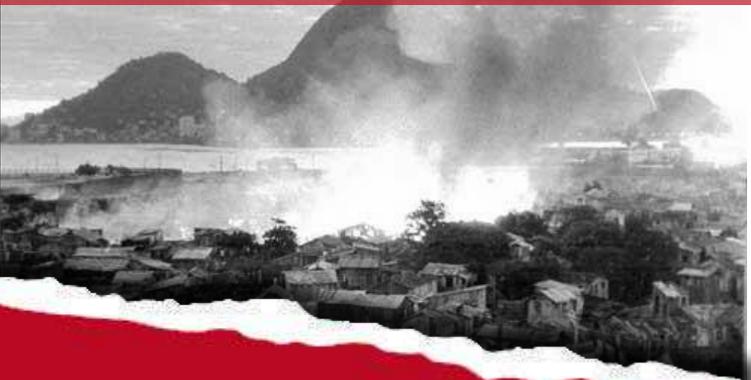
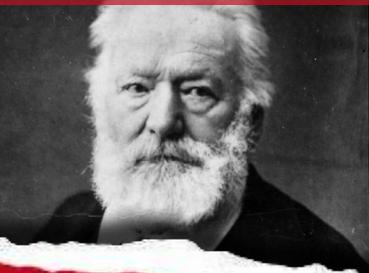




História, Literatura e Historiografia

Ana Amélia M. C. Melo (Org.)



COLEÇÃO
HISTÓRIA
E HISTORIOGRAFIA

Organizadoras
Ana Rita Fonteles Duarte
Ana Sara Cortez Irffi

COLEÇÃO
HISTÓRIA
E HISTORIOGRAFIA

Organizadoras
Ana Rita Fonteles Duarte
Ana Sara Cortez Irffi



VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

História, Literatura e Historiografia

Ana Amélia M. C. Melo (Org.)

Sobral/CE
2020



História, Literatura e Historiografia

© 2020 copyright by Ana Amélia Moura Cavalcante Melo (Org.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil

COLEÇÃO
HISTÓRIA
E HISTORIOGRAFIA



VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Coordenação

Ana Rita Fonteles Duarte

Ana Sara Cortez Irffi

Conselho Editorial

Antônio Maurício Dias da Costa (UFBA)

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)

Flávio Weinstein Teixeira (UFPE)

Francisco Régis Lopes Ramos (UFC)

João Paulo Rodrigues (UFMT)

James Green (Brown University)

Kênia Sousa Rios (UFC)

Paula Godinho (Universidade Nova de Lisboa)



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138

Renato Parente - Sobral - CE

(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222

contato@editorasertaoocult.com

sertaoocult@gmail.com

www.editorasertaoocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Revisão

Revisão textual de responsabilidade dos autores

Diagramação

Lucas Corrêa Borges

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

H673 História, literatura e historiografia./ Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo. (Org.). – Sobral, CE: Sertão Cult, 2020.

442p. (Coleção História e Historiografia)

ISBN: 978-65-87429-50-2 - papel

ISBN: 978-65-87429-51-9 - e-book - pdf

Doi: 10.35260/87429519-2020

1. História. 2. Literatura. 3. Historiografia. 4. Teoria da História. I. Melo, Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo. II. Título.

CDD 901.2

Religiosidade sebastiana em A Pedra do Reino e O Príncipe do Sangue Vai-e-volta, de Ariano Suassuna

João Vitor Natali de Campos⁵

A vinda de Dom Sebastião (1554-1578) era mais que esperada, pois o seu advento era visto como solução diante da situação em que Portugal se encontrava ante os problemas que foram ocorrendo na segunda metade do século XVI, principalmente no reinado de Dom João III, avô de Dom Sebastião.

O período quinhentista da sociedade portuguesa foi visto de forma positiva, a respeito das ações políticas e econômicas que foram ocorrendo, por conta das expansões marítimas, sendo que, além de estabelecerem o domínio em outros territórios, Portugal foi também obtendo melhorias financeiras por conta dessa atividade. Ramos, Sousa e Monteiro (2015, p. 243) afirmam que desde a viragem do século XV para o XVI, o país passou a obter um crescimento elevado das atividades marítimas, ao trazer produtos de territórios que foram explorados pela Coroa Portuguesa, tendo como exemplos o ouro retirados na Costa da Mina e o pau-brasil. Seriam esses exemplos de elementos que fizeram com que Portugal se tornasse uma grande potência no ocidente.

5 Graduado em História - Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: jvcampos93@gmail.com.

Além disso, com o surgimento de movimentos culturais como o Renascimento, Portugal passou a realizar atividades culturais, fazendo com que artistas locais também tivessem seu destaque, como o caso do teatrólogo Gil Vicente (1465-1537) e Luís de Camões (1524-1580). Essas atividades culturais, em sua maioria, eram realizadas na corte, no Paço Real⁶.

Porém, ao chegar o reinado de Dom João III, a certeza de que o país estaria em decadência estava cada vez mais evidente diante dos problemas econômicos que enfrentava por perder alguns territórios dominados pela Coroa e também o avanço do reino Ibérico, fazendo com que Portugal estivesse cada vez mais próximo de perder a sua independência. Santos (2008, p. 122-123) e Bellini (1997, p. 07) explicam que a questão financeira foi um dos setores que mais apresentaram problemas, diante das despesas que estavam tendo com as manutenções das frotas e a questão do pagamento de salários que eram elevados, além de outros fatores que causaram prejuízos ao país naquele período, como os gastos abusivos para beneficiar a vida luxuosa da corte.

A solução de buscar um novo herdeiro para assumir o trono veio, principalmente, porque grande parte dos filhos de Dom João III e da rainha Catarina da Áustria, faleceu cedo. Tendo Dom João Manuel (1537-1554) como o último herdeiro que viveu mais tempo, mas não resistiria por problemas de saúde, precisou casar e, assim, em 1552, do matrimônio com Joana da Áustria (1535-1573), em 20 de janeiro de 1554, nasceu Dom Sebastião, dezoito dias depois do falecimento de Dom João Manuel.

A chegada de Dom Sebastião fez com que surgissem expectativas para o início de um progresso com a vinda de um rei tão desejado, na intenção de que Portugal conseguisse vencer os problemas que atravessava e, com isso, surgissem tempos de esperança e prosperidade ao reino português. Além do imaginário coletivo,

6 O Paço real ou o Paço da Ribeira, ficava localizado na cidade de Lisboa. Esse espaço era a antiga habitação da monarquia real até o ano de 1755 quando ocorreu o grande terremoto na cidade, tendo perda total do espaço. Esse espaço era frequentado pela nobreza e clero, além de ser um local frequentado por intelectuais.

o conjunto de crenças transmitidas pelo sapateiro da cidade de Trancoso, chamado Gonçalo Annes Bandarra (1500-1556), utilizou por meio de suas trovas em 1540, revelações sobre o futuro de Portugal e de como seria a vinda desse Rei que seria muito desejado pelos portugueses. Desde então, seria um dos indícios de que o sebastianismo tenha surgido por meio das revelações de Bandarra, fazendo com que Dom Sebastião tivesse uma proximidade do modelo ideal de rei e de cristão, sendo ele o rei perfeito que poderia trazer Portugal a momentos de prosperidade.

Este Rei tem tal nobreza,
Qual nunca vi em Rei
Este guarda bem a lei
Da justiça e da grandeza
Senhoreia Sua Alteza
Todos os portos, e viagens
Porque é Rei das passagens
Do mar e sua riqueza (HERMANN, 1998, p. 65).

Essa construção, a respeito da figura régia, fez parte das narrativas sobre a monarquia na história portuguesa, como o caso do primeiro rei Português, Dom Afonso Henriques, por conta do milagre que ocorreu na batalha de Ourique, em 1139, no qual Cristo aparece ao monarca e, por meio dessa aparição, Portugal venceu a batalha contra os mouros. Ou o caso do rei Dom João I(1357-1433), o primeiro rei da Dinastia de Avis, que foi descrito enquanto um messias, sendo ele uma personalidade próxima a Jesus Cristo, aquele que iria estabelecer a Sétima Idade, sendo ela um período de felicidade na terra (RIBEIRO, 2014, p. 64-66; ZIERER, 2004, p. 151).

Assim não foi diferente a respeito da construção da figura de Dom Sebastião, sendo ele uma personalidade muito esperada antes do seu nascimento e, também, foram depositadas muitas expectativas a respeito da sua atuação antes e após assumir o trono, aos 14 anos, em 1568. Sua educação era baseada nos princípios religiosos por um ensino jesuítico e ele era preparado para atuar como um

líder. Entre essas preparações, uma delas seria o desejo da reconquistar o norte da África, o que, aos poucos, passou a ser também desejo do próprio monarca em fazer com que Portugal retornasse a ser uma grande potência (HERMAN, 1998, p. 85).

A batalha de Alcácer Quibir ou a Batalha dos Três Reis foi iniciada, no dia 04 de agosto de 1578, entre o exército português, liderado pelo rei Dom Sebastião, contra o exército marroquino, liderado pelo sultão Mulei Mahamet, para proteger o território contra o domínio português. Para Hermann (1998), através de análises feitas por crônicas que relataram a batalha, o exército português aparentava estar firme para o confronto, mas foi atingido, logo de início, pelo exército muçulmano. Esse foi um dos indícios de que o exército português estava apresentando fragilidades, principalmente por parte de Dom Sebastião, que estava no confronto, mas não saberia liderar o seu exército.

As referências à hesitação atribuída a d. Sebastião no início da batalha, que parecem querer indiciar a covardia do rei na hora do confronto, tornam-se no mínimo discutíveis diante dos relatos do comportamento do monarca durante a batalha. Recusando –se a esconder-se e a fugir, o que não foi visto por seus biógrafos como um ato de coragem, mas de irresponsabilidade, d. Sebastião mais combateu do que comandou, segundo todos os relatos (HERMANN, 1998, p. 120).

Essa batalha protagonizou um dos momentos em que a esperança dos portugueses depositadas em Dom Sebastião, passou a não ser concretizada devido ao desaparecimento do corpo do mesmo, aos 24 anos de idade, falecido durante o conflito e nunca encontrado. Os relatos a respeito do desaparecimento do corpo de Dom Sebastião e da perda do exército português na batalha, passaram a ser notificados em Portugal, entre os dias 10 e 11 de agosto de 1578, e isso fez com que Portugal passasse a ter sentimentos de um futuro incerto, pois o reinado de Dom Sebastião durou pouco tempo e sem herdeiros,

fazendo com que o reino português estivesse cada vez mais nas mãos da coroa Ibérica, o que se concretizou em 1580, com a formação da União Ibérica que se encerrou em 1640 (HERMANN, 2006, p. 19-20; HERMAN, 1998, p. 125).

Após o incidente que ocorreu na batalha de Alcácer Quibir, Dom Sebastião passou a ser caracterizado como um modelos de personalidades régias messiânicas, sendo a maioria desses reis conhecidos no período medieval, como o Rei Arthur, Rei Frederico Barba Ruiva ou o Dom Afonso Henriques que seriam modelos ideais de liderança e de espiritualidade (QUEIROZ, 2003, p. 102).

Diante das necessidades que Portugal se encontrava antes e após o desaparecimento de Dom Sebastião, a religiosidade popular permaneceu a crer nele mas em uma perspectiva futura, deixando de ser apenas *O desejado* para *O encoberto*. Ou seja, assim como existiam expectativas a respeito da sua vinda na terra enquanto *O desejado*, as expectativas futuras aumentaram, a ponto de acreditarem que o desaparecimento do jovem rei português não representava o fim, mas que desaparecera e que, em breve, ele retornaria para atender as necessidades do seu povo.

A trajetória de sua vida continua inacabada enquanto há o desejo no homem de se alçar sobre si mesmo, em busca da proximidade com o encantamento do mundo e com o sagrado. Assim, Dom Sebastião, o jovem monarca Desejado e Encoberto, permanece presente, em constante atualização. Enquanto houver a renovação de sonhos e desejos, enquanto existir no homem a vontade de tornar-se algo além do seu estado atual, algo que o torne mais potente que sua condição presente, Dom Sebastião retorna eternamente renovado. Possui, em sua história de vida, e em sua personalidade mítica, a ideia de que o desejo só é desejo enquanto não é totalmente satisfeito, lançando sempre quem deseja numa busca, que requer a transformação constante, quando objetos do desejo, ou o objeto do desejo, ainda permanecem encobertos (GO-DOY, 2009, p. 18).

O Sebastianismo, imaginário construído a respeito de Dom Sebastião, permaneceu sendo cultivado durante séculos, fazendo com que essas crenças que eram dos portugueses passassem a fazer parte da realidade brasileira. Dom Sebastião, que nunca esteve presente em vida no país, tornou-se presente por meio de sua presença espiritual e esse messianismo sebastianista transitava em lendas populares como a aparição da figura de Dom Sebastião enquanto um touro encantado que se manifestava nos Lençóis Maranhenses, na cidade de Cururupu, ou enquanto uma entidade espiritual presente nas religiosidade afro-maranhense (FERRETI, 2013, p. 269-270).

O Nordeste, em si, foi palco de manifestações messiânicas e grande parte delas teriam como necessidade buscar soluções espirituais, políticas e sociais através do divino. O sebastianismo passa a fazer parte desse conjunto de manifestações, tendo elas sido conhecidas na história como a Batalha de Canudos (1896-1897). A formação do movimento religioso, liderado por Antônio Conselheiro, teve os sertanejos e outras pessoas de origem humilde enquanto membros desse movimento para que ocorresse uma salvação milagrosa que pouparia os habitantes dos problemas econômicos e sociais que estavam enfrentando naquele momento (NEGRÃO, 2001, p. 120-121).

As influências, por conta do imaginário sebastianista, passaram a fazer parte das narrativas populares, fazendo com que o sebastianismo fizesse parte da identidade local da uma civilização, como foi o caso da Pedra do Reino. Nesse espaço foi realizado um movimento sebastianista entre os anos de 1835-1838, liderado pelo João Antônio Vieira dos Santos, sendo esse lugar destacado, devido os rituais que eram realizados, na construção da obra literária do escritor paraibano Ariano Suassuna ao escrever a obra *A Pedra do Reino e o príncipe do Sangue Vai-e-Volta*.

Pode-se dizer que a obra remete a algumas construções que surgiram nos períodos medieval e moderno, mas com características que são baseadas no sertão nordestino, especificamente na vila de Taperoá na Paraíba no século XX. Assim, o objetivo do trabalho será realizar uma análise a respeito do sebastianismo que ocorreu na Pedra do Reino no século XIX através da obra de Ariano Suassuna.

A obra *A Pedra do Reino e o príncipe do sangue vai-e-volta*, tem, como personagem principal, Pedro Diniz Quaderna. O mesmo inicia a narrativa dentro de uma prisão na vila de Taperoá na década de 30, do século XX, onde diz que foi preso de forma injusta. Para provar a sua inocência, Pedro Diniz começa a relatar o romance como um memorial, para provar a sua inocência e que ele é descendente de uma família real que seria a monarquia brasileira legítima, ao contrário da família Bragança. E que seria ele o próximo a assumir o trono, caso a dinastia permanecesse:

Ora, eu, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, sou o mesmo Dom Pedro IV, cognominado “O Decifrador”, Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católica-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil. Por outro lado, consta da minha certidão de nascimento ter nascido eu na Vila de Taperoá. É por isso, então, que pude começar dizendo que neste ano de 1938 estamos ainda “no tempo do Rei”, e anunciar que a nobre Vila sertaneja onde nasci é o palco da terrível “desventura” que tenho a contar (SUASSUNA, 2004, p. 33).

Percebe-se na construção de uma narrativa do autor, ao se referir a região nordestina, uma forma para além da sua realidade, mas sem perder as identidades locais, como podemos perceber nessa construção de uma monarquia, na qual Pedro Diniz faria parte de uma dinastia que não possui características europeias, mas uma monarquia com características sertanejas nordestinas.

Por meio desse e de outros detalhes que acompanharam a discussão, o Nordeste, descrito por Ariano Suassuna, seria a construção de um “reino encantado do nordeste”. Ou seja, segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 99), as obras de Ariano Suassuna revelam um Nordeste como o reino dos mitos, do domínio do atemporal, do sagrado, da indiferenciação entre natureza e sociedade, uma região que carrega suas tradições, seus costumes, suas narrativas, mas carregam traços de espiritualidades e de tradições que existiriam em outros povos, vindos de fora, por parte da colonização europeia.

Ao tentar tornar o romance um memorial, Pedro Diniz, passa a resgatar informações a respeito da construção da dinastia dos Ferreira Quaderna e, desde a primeira geração, a construção da sua ancestralidade se dá em torno dos movimentos sebastianistas e isso é possível perceber, devido aos lugares citados e personagens que eram seus antepassados e, que remetem aos líderes das seitas sebastianistas que ocorreram no século XIX.

Antes mesmo da seita religiosa na Pedra do Reino, um dos primeiros antepassados de Quaderna, seria o Dom Silvestre I, que esteve presente no primeiro movimento sebastianista, que foi realizado na Serra do Rodeador, entre 1817 e 1820, localizado em Bonito-PE e liderado pelo ex-sargento Silvestre José Santos. Segundo Suassuna (2004, p. 68-69), o reinado de D. Silvestre I foi curto, mas, nesse período, o mesmo realizava pregações a respeito de Dom Sebastião e a necessidade de uma revolução para o estabelecimento de um novo reino, para que os religiosos pudessem estar mais próximos do rei português e do plano espiritual. Porém, o movimento na Serra do Rodeador encerrou as suas atividades no ano de 1820, por conta de conflitos dos seguidores contra as tropas militares, resultando em mortes, entre eles a do próprio Dom Silvestre I.

O consagrado Acadêmico pernambucano, Doutor Pereira da Costa, fez sua Crônica, que não transcrevo por economia retórica. Limito-me a informar que, temerosos os proprietários das redondezas pela propagação de Reino tão revolucionário, fizeram apelo ao Governador Luís do Rego, que mandou para lá uma tropa, comandada pelo Marechal Luís Antônio Salazar Moscoso. Incendiaram o Arraial, morrendo nas chamas mulheres e crianças, enquanto os homens que escaparam ao incêndio e à fuzilaria foram passados a fio de espada (SUASSUNA 2004, p. 69).

Com o fim da primeira geração dos Ferreira Quaderna, a dinastia conseguiu se reestabelecer por meio do movimento sebastianista que se formou entre os anos de 1835 a 1838, quando ocorreu a formação da seita sebastianista na Pedra do Reino. A Pedra do Reino está localizado na serra do Pajeú, que fica na fronteira entre os estados da Paraíba e Pernambuco, próximo à cidade de Flores (PE) e São José Belmonte(PE), cidade essa que preserva as narrativas e lendas que ocorreram na Pedra do Reino.

A Pedra bonita ou Pedra do Reino, como lhe chamam hoje, são duas pirâmides imensas de pedra massiça de côr férrea e de forma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra de fronte uma da outra, elevam-se sempre a mesma distância, guardando grande similhaça com as torres de uma vasta matriz, à uma altura de 150 palmos aproximadamente, 33 metros (LEITE, 1898, p. 29).

No folheto IV, para fazer valer as narrativas a respeito da construção da sua ancestralidade, Pedro Diniz utiliza argumentos de outros pesquisadores que estudaram a respeito da Pedra do Reino, na intenção de validar as suas opiniões para aqueles que não acreditavam no que ele dizia.

Para narrar essa história, valer-me-ei o mais que possa das palavras de geniais escritores brasileiros, como o Comendador Francisco Benício das Chagas, o Doutor Pereira da Costa e o Doutor Antônio Ático de Souza Leite, todos eles acadêmicos ou consagrados e, portanto, indiscutíveis: assim,

ninguém poderá dizer que estou mentindo por mania de grandeza e querendo sentar de novo um Ferreira-Quaderna, eu, no trono do Brasil, pretendido também — mas sem fundamento! — pelos impostores da Casa de Bragança (SUASSUNA, 2004, p. 63).

Entre os acadêmicos destacados por Pedro Diniz, podemos destacar a atuação do Historiador Antônio Ático de Souza Leite, pois foi por meio de sua obra *Fanatismo Religioso: Memória sobre o Reino Encantado na comarca de Villa bela (1898)*⁷, que se tornou um dos primeiros registros oficiais a respeito do movimento sebastianista, que ocorreu a Pedra do Reino, anteriormente chamada de Pedra Bonita. Foi essa obra que serviu como inspiração de Ariano Suassuna para a realização da obra *A Pedra do Reino*. Em entrevista ao programa *Sala de Notícias* na reportagem - *Sebastião Encantado* (2013), Ariano Suassuna afirma:

Eu tomei conhecimento através de um texto de um historiador do século XIX, ele se chamava Antônio Ático Leite e ele apresentou a história da Pedra do Reino no comunicado que ele fez ao Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco. Aí quando eu li essa história eu fiquei encantado com a história do jeito que ele apresentava. E depois o filho dele que passou a morar no Rio chamado Solidônio Leite publicou uma separata com esse ensaio dele com o prefácio de um grande crítico na época que se chamava Araripe Jr.

Uma das primeiras descrições a respeito da primeira geração de Pedro Diniz, seria sobre o seu bisavô, El-Rei Dom João Ferreira-Quaderna, que pertence à primeira dinastia dos Quaderna, sendo, fora da narrativa de Ariano Suassuna, o fundador da seita sebastianista. Para Pedro Diniz, um dos acontecimentos que fizeram parte do movimento sebastianista em Pedra Bonita, foram os atos sacrificiais que ocorreram no ano de 1838.

⁷ A versão utilizada dessa obra é a segunda edição, publicada pelo filho de Antônio Ático de Souza Leite, o Solidônio Attico Leite.

Aliás, minto: sempre, não! A princípio, a história de minha família era paranós, Ferreira-Quadernas, uma espécie de estigma vergonhoso e de mancha indelével do nosso sangue. E não era para menos, quando somente meu bisavô, El-Rei Dom João Ferreira-Quaderna, o Execrável, no espaço de três dias, mandou degolar 53 pessoas, incluindo-se entre elas 30 crianças inocentes, o que aconteceu no fatídico e astroso mês de Maio de 1838. Meu Pai, Dom Pedro Justino, e minha tia, Dona Filipa, irmã dele, tinham pavor de todas aquelas mortes cometidas por nossos antepassados, e temiam que o sangue dos inocentes caísse um dia sobre nossas cabeças, como os Judeus invocaram o sangue do Cristo sobre as deles (SUASSUNA, 2004, p. 63). Esses atos sacrificais faziam parte de um dos processos ritualísticos realizados na seita sebastianista, assim como foram os casamentos realizados por um falso padre chamado Frei Simão realizados em um espaço chamado Santuário, que seria um sítio, na Pedra do Reino, para realizações de matrimônios e também seria, nesse lugar, em que João Ferreira proferia que, em breve, os mortos seriam ressuscitados para que pudessem estar junto com Dom Sebastião (SUASSUNA, 2004, p. 67).

A *Casa Santa*, seria esse espaço em que os membros da seita tomavam uma bebida que causava efeitos colaterais, fazendo com que o João Ferreira e os religiosos entrassem em estado de êxtase, tendo alucinações, enxergando os tesouros de Dom Sebastião que seria esse ouro objetivo dos fiéis para além de estarem no plano espiritual (SUASSUNA, 2004, p. 67).

Segundo Leite (1898, p. 63), essas práticas sacrificiais relatadas pelo vaqueiro Jozé Gomes⁸, começaram no dia 14 de maio de 1838 e, depois dessa data, os sacrifícios ainda eram recorrentes entre os dias 15 e 16 de maio, tendo o resultado em 30 crianças, 12 homens, 11 mulheres e 14 cães sacrificados (LEITE, 1898, p. 63). Por meio da profecia revelada por João Ferreira e dos apelos emotivos motivados pelo mesmo, como forma de chamar a atenção dos seguidores, fez

8 O Vaqueiro Jozé Gomes, seria uma das pessoas que conseguiram escapar da seita sebastianista durante os atos sacrificais na Pedra do Reino (LEITE, 1898, p. 41).

com que esse fosse considerado um dos acontecimentos mais tensos entre os movimentos messiânicos no Brasil.

No dia 17 de maio, ao realizar os atos sacrificiais nos membros, não satisfeito ainda, o próprio João Ferreira se ofereceu para Dom Sebastião e o ato foi feito por Pedro Antônio, que se definiu enquanto o novo rei da seita sebastianista, pois ele acreditava que a morte de João Ferreira seria a última para que a profecia se cumprisse (LEITE, 1898, p. 64).

Após os atos sacrificiais, Pedro Antônio, juntamente com os seus seguidores, decidiram partir para um novo local para continuarem realizando as práticas da seita. Porém, durante o trajeto do grupo, depararam com a tropa liderada pelo major Manoel Pereira da Silva, como o objetivo de impedir a atividade da seita sebastianista. Diante disso, os homens do movimento religioso, juntamente com Pedro Antônio decidiram combater contra a tropa opositora, enquanto as mulheres e crianças da seita ficaram em um espaço afastado do conflito realizando ladainhas e preces durante uma hora.

O seo grito de guerra, immediatamente repetido por mais de cem vozes sahidas de todos os pontos d'aquelle provizorio acampamento, foi logo solemnizado com cânticos da ladainha, bemitos, e officios entoados pelas mulheres e meninos, que ora batendo palmas, ora brandindo espetos e cacetes, investiam como outros tantos combatentes em auxílio de seos paes, filhos, irmãos, e maridos que já se axavam a braços, e em luta aberta com os poucos soldados do commisario (LEITE, 1898, p. 68).

O conflito terminou com 22 mortos, entre eles estava o rei Pedro Antônio, três mulheres da seita, o próprio Major Pereira da Silva e alguns comissários de sua tropa. Alguns membros da seita conseguiram escapar após o conflito, outros foram presos na comarca de Flores, as mulheres foram liberadas e as crianças, que eram órfãos, foram levadas para a adoção (LEITE, 1898, p. 69).

Portanto, esses acontecimentos, em prol da manifestação religiosa, em torno da figura de Dom Sebastião, revelam que é pelo imaginário religioso que foi responsável a preservação da memória, das tradições e crenças que mantiveram a construção da figura messiânica de Dom Sebastião. O jovem rei português, sendo uma entidade espiritual, manifestava-se de diversas formas, em espaços e tempos diferentes, mas o que o preserva é a necessidade de um possível retorno enquanto messias, para atender as necessidades dos fiéis, e fazer com que estejam cada vez mais próximos da terra prometida no qual habita o sagrado.

O movimento sebastianista na Pedra do Reino mostrou as manifestações que ocorreram, a ponto de fazer com que os membros se entregassem ao sacrifício, na intenção de honrar a figura messiânica de Dom Sebastião e fazer com que as promessas, através dessa entidade, fossem cumpridas por meio dos discursos feitos por líderes como João Ferreira, mostrando que a vida terrena não proporciona a felicidade, mas sim o plano espiritual, tanto que o movimento da Pedra do Reino representa o desejo dos fiéis, de classes sociais diferentes, da ausência dos problemas terrenos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BELLINI, Lígia. Notas sobre cultura, política e sociedade no mundo português do século XVI. Tempo. **Revista do Departamento de História da UFF**, Niterói, v. 4, n. 7, p. 143-167, 1999.

FERRETTI, Sérgio F. Encantaria maranhense de Dom Sebastião. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, Braga, v. 1, n. 1, p. 262-285, 2013.

GODOY, Márcio Honório. O desejado e o encoberto: potências de movimento de um mito andarilho. **Revista USP**, São Paulo, v. 82, p. 16-31, 2009.

HERMANN, Jacqueline. El Ksar El-Kebir. Narrativas e história sebastianas na Batalha dos Três Reis. Marrocos, 1578. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 45, p. 11-28, 2006.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do desejado**: a construção do sebastianismo em Portugal séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LEITE, Antônio Ático de Souza. **Fanatismo religioso**: memória sobre o reino encantado na comarca de Villa Bella. Juiz de Fora, Typographia Mattoso, 1898. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or274013/or274013.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 46, jul. 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no mundo**. 3. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 2003.

RAMOS, Rui; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; MONTEIRO, Nuno Gonçalo. **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015.

RIBEIRO, Josená Nascimento Lima. **Messianismo e poder no reinado de D. João I, de Portugal**. 2014. Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2014.

SANTOS, Yoná. **Dom Sebastião antes do sebastianismo**: pensamento político português humanista no De Regis Institutione et Disciplina, de Jeronimo Osório. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SEBASTIÃO encantado. Reportagem e roteiro: Marcílio Brandão. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (16:15min). Publicado pela Sala de Notícias, Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lzPDkPujW-WA&t=202s>. Acesso em: 23 set. 2020.

SUASSUNA, Ariano. **A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue Vai-e-Volta**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. **Paraíso, escatologia e messianismo em Portugal à época de D. João I (1383-1385/1433)**. 2004. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.